

1 – O BAIRRO CHINÊS

*O Zen sem a compreensão do corpo,
nada mais é do que uma discussão inútil.
Os Caminhos Marciais, destituídos da
compreensão da mente, são um
comportamento bestial.*

Templo Shaolin.

Lima, Peru, 1969

Bem, não adianta eu querer lhes contar o que me levou a escrever este livro, sem antes lhes narrar desde já na primeira pessoa como tudo começou. Sobre como fui me envolvendo com estes temas esotéricos, metafísicos, místicos, tão em moda hoje em dia, e por que não dizer tão explorados Exotericamente (externamente), e pouco conhecidos Esotericamente (internamente).

No decorrer do livro, é necessário eu dar alguns saltos no passado, para entender alguns fatos que vão ocorrer no presente, mas isto é só para tornar possível a compreensão do raciocínio. Os fatos do passado, em sua grande maioria se repetem, sejam eles bons ou ruins. As mesmas cenas, as mesmas pessoas, os mesmos sentimentos, a mesma energia e o único trabalho que temos com tudo isso é tornar um pouco melhor as cenas, as pessoas, os sentimentos, a energia. Somente quando compreendermos isto, é que veremos que esse “tempo” valeu a pena e que ele faz sentido como uma outra dimensão além das nossas percepções físicas.

Desde pequeno, como muitas outras crianças, sempre via coisas como sombras, vultos, pequenos seres (que hoje sei, são elementais), alguns que me assustavam, mas a grande maioria muito engraçados e divertidos. Um que até me salvou de levar a surra de um galo que se achava o dono do terreiro e devo confessar que ele era realmente o chefe da área, foi pena do falecido galo para tudo que era lado, mas essa história divertida eu conto mais adiante, quando achar que estou muito melancólico. Bom, até aqui nada de anormal para uma criança que tinha muita imaginação, até o momento em que cometi a grande besteira e ingenuidade de contar às pessoas sobre as coisas que via. Para minha infelicidade, tive que ouvir todas as explicações do tipo “panos quentes”, que certamente muitos de vocês ouviram quando eram crianças, sem contar as explicações do tipo aterrorizantes, que dão às crianças, quando ficam inquietas ou endiabradas (mais conhecidos com a palavra diminutiva de “pestinhas”), do tipo: “vai dormir cedo senão o diabinho te pega”. Pior do que isso, só quando ameaçavam a gente com o Bicho-Papão. Esse sim, o mais terrível dos terríveis, certamente uma dor de cabeça para muitos psicólogos modernos.

Quando tinha 10 anos, toda a minha atenção foi direcionada para esses assuntos certamente muito misteriosos e atraentes para qualquer criança imaginativa.

Nesta época fui atingido por uma verdadeira fome de saber, sobre tudo o que era desconhecido e misterioso. Coisas que fascinavam muitos adultos, mas não mais que a mim, o mais novo pesquisador mirim do desconhecido. Sempre que lia sobre um assunto fascinante, procurava mais e mais respostas, principalmente através de livros, já que as pessoas que estavam ao meu redor pouco podiam me esclarecer sobre assuntos que, na visão deles, eram pura ficção, coisas de criança. Onde eles paravam devido a dúvidas ou medos, as minhas dúvidas me levavam sempre a dar outro passo, e mais outro, e assim por diante. Sem saber eu estava repetindo, na prática, algo que Lao-Tsé falou há 5.000 anos:

“A jornada de 1.000 passos começa com o primeiro passo”.

Às vezes, entre uma pergunta e outra que fazia a mim mesmo, surgia uma resposta dentro de minha cabeça que eu não sabia de onde vinha, mas que era muito convincente e verdadeira, e isso bastava para que não ficasse perdido em suposições. Hoje sei de onde vinham aquelas respostas que sempre me empurraram na direção certa. Alguns amigos espirituais que sempre me acompanharam.

Foi um pouco antes deste período que fui morar no Peru por 5 anos, vivendo lá dos 7 aos 12 anos. Morava em Lima, a capital; e, certamente, foi uma época muito feliz para mim, pois a minha infância aconteceu neste país fascinante e misterioso. Esta é uma das fases em que a criança mais armazena informações sensoriais e cerebrais, por isso toda a minha vivência neste país está muito lúcida e presente na memória, muito mais do que pensava. Volto a rever cenas e acontecimentos que julgava esquecidos.

O motivo de nossa decisão de ir morar ao lado do Oceano Pacífico devo ao meu Pai, que sempre teve um espírito aventureiro. Um gravador de matrizes que foi convidado para supervisionar a instalação de uma firma multinacional de talheres naquele país, junto, é claro, com outros brasileiros e suas famílias, cada um como responsável por um setor da empresa. E lá fomos nós. Para meu Pai, certamente uma aventura; para minha Mãe, um pouco de medo e insegurança. Enquanto para mim e meu irmão tudo era uma grande folia e diversão, e por que não dizer também prazer, já que eu ia voar num avião enorme e sempre quando eu começava a correr pelo avião, vinha uma linda aeromoça (sim, eu já tinha noção do que era bonito e feio naquela época, quando comparava aquele anjo do céu a uma tia minha, que ficou no Brasil, com o rosto que mais parecia uma ameixa seca); que me dava balas e refrigerante, me cobria com um cobertor e eu tenho certeza que se eu pedisse para ela contar uma história, ela contava até duas. Para mim, literalmente, eu estava no céu.

A adaptação foi muito rápida. Em um mês, eu e meu irmão já falávamos Espanhol, ou melhor, *Castellano*, a língua oficial do Peru. Meus Pais, já passados 5 meses, também falavam perfeitamente o idioma. Rapidamente fizemos muitos amigos peruanos, e, também alguns chineses, devido à proximidade de nossa casa com o Bairro Chinês: um pedaço da China Antiga dentro da grande e agitada metrópole peruana, que era o centro movimentado de Lima.

Foi ali, naquele enigmático Bairro Chinês, o meu primeiro contato com o *Tai-Chi-Chuan* e outras Artes Marciais. Não somente pelos filmes de monstros e Artes Marciais que íamos ver todo fim-de-semana nas matinês, mas principalmente graças a um dos meus melhores amigos de infância que tive no Peru, a quem nunca esqueci: Taitai Chang Lau. Éramos inseparáveis, tanto nas melhores coisas que aprontávamos, como nas que às vezes davam errado.

Foi graças ao seu Pai, o Sr. Lau, um imigrante chinês de Xangai, que teve que abandonar sua pátria, como muitos outros, por causa da Revolução Cultural de Mao, que eu entrei em contato com Artes Marciais. Ainda me lembro quando fui à casa de meu

amigo Tai, e dou de cara com o seu Pai praticando *Tai-Chi-Chuan* com um *Shien* (sabre reto de duplo corte, para executar formas de *Tai-Chi*).

Fiquei parado de boca aberta e fascinado. Permaneci observando-o por mais ou menos meia hora, e já que parecia que ele não havia me notado, nem reclamado com algum palavrão chinês, era ali mesmo que ia ficar. A primeira coisa que pensei era que o Sr. Lau é que tinha ensinado o pessoal a lutar na tela do cinema e que, certamente, se surgisse algum monstro diferente, do tipo Godzilla e companhia, o Sr. Lau poria um fim neles em questão de segundos. Mas, pouco a pouco, fui vendo que havia algo de diferente nele. Movia-se com precisão e muito calmamente. Não tinha nenhum gesto brusco, mas todos eles eram precisos e harmoniosos, enquanto a espada cortava o ar com delicadeza e destreza. Durante esta meia hora que transcorreu não tive nenhuma noção do que acontecia ao meu redor, pois eu só conseguia ver o Sr. Lau, uma espada e uma tênue luminosidade envolvendo a ambos. Até que tudo parou e alguém dá um cutucão na minha costela com a ponta dos dedos. Quando me virei, era Tai que estava atrás de mim.

– Papai terminou – disse ele.

– Onde você estava? – perguntei eu.

– Atrás de você.

Todo o tempo, meu amigo Tai estivera atrás de mim e perguntei porquê ele não me chamou.

– Papai responde – disse ele com um ar de travessura.

Virei-me e o Sr. Lau estava me fitando atentamente com olhos penetrantes e, o que era pior, ainda com a espada na mão e já começando a vir em minha direção. Pensei – *Meu Deus, o que foi que eu fiz.* – Raciocinei rápido e disse a mim mesmo: corra como um louco, como o vento, se for preciso. Mas logo desisti, porque pensei na espada e na rapidez com que ela era usada nos filmes, e que certamente o Sr. Lau dava aulas para um bando de malfeitores violentos e sanguinários.

Senti o músculo da parte interna da coxa começar a tremer.

Ele chegou perto de mim e deu um sorriso que tranqüilizaria qualquer um, menos a mim, pois muito bem podia ser um ardil, um truque chinês, como o dos filmes. E eu sabia muito bem como eram embusteiros os chineses; quando você menos esperava, vinha um punhal ou um *shaken* (Estrela da Morte), voando em sua direção.

Mesmo assim, ele pediu para que eu e Tai sentássemos no chão do pátio interno da casa. Sentei-me rapidamente, já que era o único jeito de fazer parar de tremer as minhas pernas.

A mãe de Tai se aproximou, trazendo um chá verde-limão. Uma tradição que quando oferecido pelo anfitrião é um sinal de cordialidade e amizade para os orientais. Fiquei mais tranqüilo. Acompanhado ao chá, uns bolinhos saborosos que eu sempre comia em número maior do que os dedos de minha mão. Entre os vários costumes chineses que aprendi durante a minha convivência com eles é que é fundamental antes de qualquer conversa ou reunião, comer algum alimento para acalmar o estômago e tranqüilizar a mente, assim dizia o Sr. Lau. Por que, eu não sabia, mas que isso funcionava, funcionava.

– Agora que você está mais calmo e que eu não usei minha espada em você – disse ele, esboçando um leve sorriso. – Diga-me, exatamente, o que você viu enquanto eu estava praticando.

Como ele sabia que eu estava com medo, e por que esta pergunta? Prontamente, ele, já sentindo a minha nova apreensão, me oferece mais um bolinho, e eu, sem cerimônia, enfio dois na boca, o que provoca uma grande gargalhada da parte dele. Enquanto ele terminava de rir e eu engolia o enorme bolo de farinha doce que se formou em minha boca, ele retoma a conversa.

– Bom, agora que você está satisfeito e mais calmo, vamos iniciar a conversa. Vamos ter uma conversa de guerreiros.

Esta palavra foi o que bastou para despertar a total atenção não somente em mim, mas também em Tai.

– Diga-me, o que foi que você viu enquanto eu praticava? – Voltou ele a perguntar.

– Vi o **Senhor** lutando com a espada, e também vi uma luz ao redor do **Senhor** – respondi frisando muito bem a palavra **Senhor**.

Nesse momento, Tai tira uma pequena lanterna de seu bolso e começa a acendê-la e apagá-la, dizendo que isso sempre era possível quando você tem uma lanterna na manga, e caímos na gargalhada. Era mais uma das palhaçadas de meu amigo Tai. Olhamos para o Sr. Lau, confiantes de que também estaria achando graça, mas o que encontramos foi um rosto sério, porém, sereno; e, bastou um olhar do Sr. Lau ao meu amigo, para que ele guardasse rapidamente a lanterna no bolso e baixasse a cabeça olhando para o chão.

Este tipo de respeito, quase sem trocar palavras, apenas uma troca de olhares, tanto pelos pais como quando há o envolvimento de pessoas mais velhas ou alguém de hierarquia superior, é muito comum entre os povos do Oriente, principalmente entre as culturas da China e Japão.

– Continue – prosseguiu o Sr. Lau. – Como era essa luz?

– Ela parecia que pulsava e às vezes mudava de cores.

Eu estava espantado. De onde eu havia tirado aquela resposta, pois eu não me lembrava de ter visto a cena com estes detalhes, já que para mim parecia que eu estivera ausente por meia hora; mas essas imagens estavam muito claras em minha mente e, mais uma vez, eu não sabia por que o Sr. Lau estava me fazendo tantas perguntas. Afinal, pensei eu – *que droga!* – Ele não sabia o que estava fazendo?

Ele que era o adulto, os que sabem tudo de tudo. Eu também queria fazer perguntas, porque eu sim é que não sabia o que ele estava fazendo.

– Calma, depois você faz todas as perguntas que quiser – reiniciou o pai de Tai.

Ele me pegou mais uma vez. Como ele sabia o que eu estava pensando? Será que ele era um mágico também? Meu amigo Tai e eu já estávamos “fritos”, pensei eu, pois certamente a essa altura já sabia que demos os nós nas camisas de toda a família, que escondemos o chinelo de sua mulher dentro da casinha do cachorro, que passamos pasta de dente dentro do sapato do irmão mais velho de Tai; e todas as outras travessuras que pensávamos nunca iriam descobrir serem obras nossas. Literalmente, era o nosso fim.

– Continue – disse ele. – O que mais você viu?

– O Senhor estava com uma roupa diferente, todo de preto e do seu lado parecia que tinha também um homem de olho puxado, só que bem mais velho, fazendo os mesmos gestos que o Senhor, e quando o Senhor parou, ele foi embora.

– Bom. Muito bom – disse o Sr. Lau. – Agora você pode ir, e amanhã, quando você vier visitar meu filho Tai, eu vou responder todas as suas perguntas, ou quem sabe até antes. Até logo. E diga a seu pai para vir aqui tomar um chá, qualquer hora dessas.

– Sim, Sr. Lau. Até logo – disse. E saímos eu e Tai para conversar e tentar entender o que houve. Também ralhei com Tai, por nunca ter-me mostrado a espada de seu pai; que com aquela espada a gente já podia ter acabado com qualquer monstro que estivesse se escondendo debaixo da cama.

– Meu pai não quer que eu mexa nas armas – disse Tai.

– E tem mais? – perguntei eu, indignado.

Mais uma pequena discussão se seguiu. Como meu amigo Tai não me contou isso? Nós tínhamos um arsenal em mãos e nós ainda lutávamos com cabo de vassoura e escudo de papelão. Eu estava inconformado. Já podíamos ter dominado o bairro há tempos.

– Amanhã eu peço ao meu pai se posso te mostrar.

– Como são as outras armas? – perguntei.

– Quase todas como as que a gente viu nos filmes.

Eu tinha razão. O seu pai é que dava aulas ao pessoal dos filmes.

Chegando em casa, contei tudo o que ocorreu aos meus pais. Desde os deliciosos bolinhos com que me empanturrei, até o convite que o Sr. Lau fez ao meu pai. Ainda me lembro da expressão interrogativa no rosto de meu pai.

– Humm! Esse chinês é muito estranho – resmungou. – Mas é um imigrante como nós, e é sempre bom trocar idéias e amizade entre os que estão longe de seus países.

Mais um tempo se passou e nossas famílias se tornariam grandes amigas, principalmente pelo bom humor que meu pai e o Sr. Lau tinham quando todos se reuniam. Realmente, era contagiante. Só perdiam quando entravam em cena dois verdadeiros e legítimos palhaços: eu e meu amigo Tai. Muitos familiares chegavam a passar mal de tanto rir. Às vezes, éramos expulsos e escorraçados para a rua, porque os mais velhos não conseguiam conversar sério.

Naquele mesmo dia, depois do interrogatório do Sr. Lau, fui deitar-me após um dia cansativo, e de muita folia e lembro que tive um sonho. Estávamos, eu, Tai e o Sr. Lau, conversando em um lugar estranho, com casas de formatos diferentes, como aquelas que eu havia visto em muitas fotografias que o Sr. Lau trouxe da China como recordação; e antes que o sonho se apagasse, me lembro do Sr. Lau encostando o dedo em minha testa dizendo:

– Quando nós conversarmos amanhã, me pergunte sobre o sonho.

O dia clareou e acordei lembrando todas as cenas, e obtendo a minha segunda confirmação, a de que o Sr. Lau também era um mágico. Será que ele me ensinaria a fazer esses truques? Não sei, mas certamente seria uma de minhas perguntas.

Depois do almoço, saí correndo de casa ao encontro de Tai, entramos na sala, e o Sr. Lau já estava sentado no chão, de pernas cruzadas, nos esperando.

– Hoje é você que vai me fazer o interrogatório – disse ele à queima roupa. – Pode começar. E antes que você e meu filho fiquem inquietos, os bolinhos logo estarão prontos.

– O que era aquilo que o Senhor estava fazendo com a espada, ontem?

– *Tai-Chi-Chuan* – respondeu ele.

Essa era a resposta mais sem sentido que eu já havia ouvido. Para mim, ele estava falando grego ou chinês, o que dava na mesmo. Percebendo o meu estado baratinado, ele deu continuidade.

– *Tai-Chi-Chuan* é um estilo de Arte Marcial interna que surgiu na China há aproximadamente 5.000 anos.

Agora sim ele estava falando a minha língua, pois Arte Marcial era aquele tipo de luta que eu e Tai tanto apreciávamos na tela do cinema, entre uma pipoca ou outra. Isso bastou para despertar a nossa total atenção. Logo formulei a minha segunda pergunta, todo entusiasmado.

– Ela serve para lutar como a gente vê nos filmes?

– Não – respondeu ele, para nossa total surpresa e decepção. – O aspecto marcial da luta vem em segundo plano. Ela foi criada pelos antigos chineses, em primeiro

lugar, para trazer saúde e energia para o corpo, a mente e o espírito. De todas as lutas que foram criadas na antiga China, Japão e outros países do Oriente, sempre se pensou em primeiro lugar no bem-estar do homem e seu semelhante. Nunca o contrário, no sentido de causar dano aos outros. Porém, às vezes, naquela época antiga e com menos frequência hoje, era necessário usá-la como luta para se defender, já que toda Arte Marcial acima de tudo tem uma função defensiva, nunca o contrário. E quem a usou tanto naquela época como nos dias de hoje para ferir o seu irmão, infelizmente estão muito longe de serem um verdadeiro Artista Marcial. Estes sempre vão estar na superfície, não só como lutadores, mas também em todas as coisas de sua vida. Nunca chegarão a sua verdadeira profundidade, nunca estarão realmente no caminho, e isso é uma pena.

Nessa altura, Tai e eu estávamos completamente absortos e atentos às suas explicações, coisa que o Sr. Lau disse que nunca fazíamos nas aulas de nossa escola, acrescentou ele em tom de brincadeira.

– Continue, pai – falou Tai, tirando as palavras de minha boca.

– Pronto – disse o Sr. Lau. – Os bolinhos já estão chegando. Vamos comer um pouco para acalmar o estômago, e continuaremos sem ansiedades.

– Estão com fome? – perguntou ele sugestivamente.

Fizemos que sim com a cabeça e em questão de minutos o grande pote de porcelana já estava pela metade. Quando achou que nós já estávamos satisfeitos, ele continuou de onde havia parado.

– Na China todas as Artes Marciais são agrupadas em um sistema chamado *Wu Shu*, que é dividido em escolas externa e interna. E, se qualquer uma delas for executada com método e disciplina, traz benefícios aos músculos, ossos, nervos, aparelho respiratório e cardiovascular. Resumindo, ela proporciona saúde e harmonia para o praticante, podendo curar até muitas doenças crônicas.

Apesar de nós acharmos muito boas e interessantes estas explicações, já estávamos achando a conversa um pouco chata. O que nós queríamos mesmo era falar de lutas como qualquer criança dessa idade, que somente tem aventuras e muita imaginação na cabeça.

O Sr. Lau, depois de tomar mais uma xícara de chá, disse que antes de prosseguir e de chegar ao ponto que tanto nos atraía, era necessário conversar um pouco sobre a origem de tudo isso por dois motivos.

O primeiro era por uma questão de respeito para com todas as pessoas que se dedicaram a criar e desenvolver essas escolas, e manter nosso respeito por elas era uma forma de agradecimento. Se isso fosse feito com amor e praticássemos esse caminho com disciplina, de alguma forma essa vibração chegaria ao coração dessas pessoas onde quer que elas estejam, lhes fazendo muito bem, da mesma forma como o que eles deixaram para nós estava nos fazendo muito bem também. Assim, segundo ele, era fechado um círculo de harmonia entre os que estão aqui e “os que não estão mais aqui”.

Mais uma vez era o misterioso Sr. Lau falando, mas tudo que ele explicava tinha uma beleza e uma lógica incríveis, quase mística, porém muito verdadeira.

E, finalizando, ele falou que o segundo motivo era que se um homem conhece um assunto só pela metade, ele estaria preparado só pela metade e, logo, seria útil também somente pela metade – teoria e prática – dizia ele.

Mais uma vez ele tinha razão e tudo começou a entrar em minha mente com muita facilidade e compreensão.

– Agora podem fazer a pergunta que fizeram entre vocês e tanta apreensão lhes trouxe, antes de retomarmos a conversa.

– Você vai nos ensinar? – perguntei eu com euforia.

– Essa é a pergunta – disse ele, com uma estridente gargalhada. – Se vocês quiserem, é lógico – finalizou o Sr. Lau com expressão de travessura.

– Sim! – respondemos em coro e quase gritando.

Sem controle de minha vontade, fiz uma pergunta que, juro, nem cheguei a pensá-la.

– Por quê?

O Sr. Lau me olha entre os olhos e com um sorriso enigmático me responde.

– Bem, já que você fez esta pergunta agora, devo antecipar essa resposta, pois pretendia lhe dizer o porquê disso um pouco mais adiante, mas vejo agora que isso será útil para você. Mesmo que isso não faça muito sentido hoje na sua cabeça, mais adiante você vai se lembrar do que lhe direi hoje, e do pouco e humilde conhecimento que vou lhe passar, mas certamente tudo fará sentido no futuro.

Novamente, ele falava grego (ou chinês) para mim e, apesar de não estar fazendo muito sentido, tudo tinha uma lógica envolvente, como se eu já conhecesse isso, ou melhor, como se eu já tivesse vivido aquela cena ou tivesse tido aquela conversa.

– Em primeiro lugar – prosseguiu o Sr. Lau – vou lhe ensinar essas coisas pelos motivos que falei antes; creio que o principal, certamente é um bom motivo... Saúde... Principalmente para pessoas jovens como vocês. Com isso vocês atrairão muita energia para seus corpos. Se praticarem de acordo, quem sabe as doenças ou a velhice não serão um transtorno e a força vital – *Chi* – acompanhará vocês até o último momento nessa terra.

É a energia que vocês acumularam e melhoraram em outras vidas – era a primeira vez que o Sr. Lau se referira as outras vidas – que retornará cada vez mais pura e luminosa quando vocês voltarem, quem sabe para mais uma experiência por aqui. Treinar o físico é superar limitações.

– A meu filho Tai, vou ensiná-lo porque é meu filho, antes de tudo, pois é uma tradição o pai passar seu conhecimento aos seus filhos, e também porque ele tem a vontade necessária de seguir e preservar esse caminho, para ensinar as mesmas coisas que lhe ensinarei, porém melhoradas, a seus filhos e assim por diante. Ininterruptamente. A mesma energia que partiu de meu primeiro antepassado será cada vez mais sutil e refinada, o que deixará muito felizes todas essas pessoas, as do passado e as do presente. Assim, um bom futuro, um bom amanhã é criado, não só para minha família, mas também para todos os que queiram participar dela, conhecidos ou não.

– E quanto a você, meu amigo e amigo de meu filho, já temos vários motivos que também servem para você. Vou lhe ensinar porque quando você estava olhando eu fazer os exercícios você viu além. Viu o lado interno e não ficou hipnotizado somente pelos movimentos externos. É nesse momento, no início, quando este fenômeno começa a ocorrer, que algumas pessoas ficam como que desligadas, como você mesmo sentiu.

Após uma pequena pausa, olhando minha expressão interessada e curiosa, continuou a conversa, acrescentando que estava esclarecendo-me sobre aquelas coisas para acalmar minha mente, e que devia me esforçar para deixar a minha vaidade de lado.

– Ninguém é especial, nem eu, nem você, nem o cachorro, nem ninguém mais. Todas as coisas em sua essência são iguais, e acima de tudo você deve se reter sempre nisso, a essência. Isso é que o fará ver tudo num mesmo nível, enquanto milhões de formas diferentes em nossa volta variam constantemente. Só tem vaidade quem se ilude pelas formas e esta leva direto a um estado de ignorância. A essência não. Ela nos mostra a verdade em todas as coisas e nos leva direto a um estado de sabedoria.

– Infelizmente isso não ocorre com a maioria das pessoas. A grande maioria só enxerga o lado exterior das coisas, que é muito importante, se não essencial, mas é

incompleto sem a parte interior. No fundo é esse sentido interno – o que ninguém vê – que mantém a forma e coerência do exterior.

O que é profundo é preservado e melhorado, não se extingue. O que é superficial é efêmero, não dura. Porém, um não sobrevive sem o outro.

O nosso único erro é preferir somente o externo, porque pode ser visto e tocado, mas o interno é muito mais amplo e natural, mais suave, mais bonito. Em alguns, esse despertar é natural, como no seu caso, pois você sempre gostou de Arte Marcial e tem uma imaginação extremamente fértil, o que ajuda muito, pois representa que você não tem tantas barreiras. Esse gostar natural pode ser que tenha lhe aberto uma porta para uma maior consciência naquele momento, enquanto para outras pessoas essa percepção pode ser despertada e trabalhada de muitas maneiras. Porém, o segredo para que isso ocorra naturalmente é ter **Amor** ao que se faz, isto é, o que faz realmente as pessoas transcenderem do externo para o interno, para depois elas voltarem novamente à superfície diferentes, renovadas, luminosas.

O bom pintor é o que gosta de pintar e consegue dar vibração às cores. O bom poeta ou escritor é o que traz um sentido interno das palavras que para outros soam comuns; o bom médico é o que cura com Amor, com sua vontade e energia sem nenhum desgaste.

São apenas alguns exemplos de que o Amor ao que se faz, transcende qualquer dificuldade que possa aparecer, tanto em achar a cor certa, a palavra correta ou o remédio adequado.

Eu e Tai estávamos totalmente absortos e compenetrados em tudo que estávamos ouvindo.

– Eu só lhes peço que exercitem o que vou lhes ensinar com sinceridade não só o aspecto prático, mas também o lado teórico de todas as nossas conversas, como a que estamos realizando agora. Se vocês fizerem isso com Amor, aprenderão a distinguir o que é externo do interno, e, quem sabe, depois de anos de prática poderão unir os dois em harmonia e ver que o equilíbrio entre eles está na “**Linha do Meio**”. Até podemos dizer que essa linha é a **Linha da Vida**, onde não devemos pender nem para um lado, nem para o outro; quem sabe para não perder o rumo e poder chegar aonde quer que possamos estar indo.

– Como assim, não perder o rumo, Sr. Lau? – perguntei um pouco confuso com a última explicação.

– Primeiro essa união deverá ser criada na Arte; depois, na Vida. Toda Arte Marcial não é nada mais que uma Filosofia de Vida. Isso vai lhe ser muito útil daqui a alguns anos, seja através de minhas mãos ou de outras pessoas que você irá encontrar que seguem um caminho igual ou semelhante.

Lembre-se de que nada é por acaso. Tudo possui uma lógica e sincronia perfeitas, onde as cenas, as situações, as preferências e as pessoas, se repetem para você se tornar melhor, mas também para torná-las melhor. E assim o círculo se completa por afinidades e a roda do destino dá mais um giro, às vezes para frente, às vezes para trás, mas o que dá o sentido e a velocidade nessa roda é você mesmo e mais ninguém. Quem criou esta roda temperamental chamada Vida, ninguém sabe meu amigo. Então, entre no eixo, entre em sincronia com a sua roda e nunca deixe que ela pare; gire-a sempre. Se todos agissem assim, isso pouparia muito trabalho para todos e certamente este mundo seria um lugar mais feliz. Ou melhor, prefiro dizer menos triste.

Vendo que ele havia terminado e já se levantava, demonstrando que nossa conversa havia se encerrado naquele dia, subitamente me lembrei do sonho, e antes que ele sumisse dentro da casa, lhe perguntei afobado:

– E sobre o sonho de ontem, Sr. Lau?

– O sonho é essa conversa que tivemos. Como você vê, esse círculo também se completou. A nossa conversa iniciou ontem à noite no sonho, e se completou hoje. O que ontem parecia irreal em seu sonho, hoje se tornou realidade. Volte amanhã.

E entrou na casa com uma estranha expressão de satisfação no rosto.

É estranho como todas essas lembranças voltam à minha mente com uma realidade espantosa, e parece que todas essas imagens e esse conhecimento que julgava perdido vêm à tona à medida que escrevo. O mais impressionante é que essa vivência, antes disso, não fazia parte da minha consciência, pelo menos não com tantos detalhes e pormenores. Sinto como se as tivesse vivido e presenciado em um estado alterado de consciência, que agora aflora como uma maneira de ligar vários pontos e situações de um passado remoto, quase esquecido. Imagens que renascem quem sabe, para dar uma coerência maior ao que está por vir adiante, não sei se do que vou escrever ou de todas as coisas que irão acontecer comigo lá adiante.

E, assim, muitas dessas conversas com o Sr. Lau se repetiram durante os 5 anos em que morei no Peru, e, é claro, sempre intercaladas com muitos exercícios práticos, onde pouco a pouco passei a conhecer meu corpo e minha mente. Ficava espantado com as coisas que todos somos capazes de fazer, tanto com o corpo como com a mente. O problema é que não nos damos o trabalho de tentar. Se fizéssemos isso, veríamos que muitas coisas antes incríveis e fantásticas, agora estariam ao nosso alcance, e que a harmonia entre mente e corpo é capaz de façanhas inacreditáveis. Não que eu tivesse o domínio dessas capacidades. Bem pelo contrário, eu estava muito longe de atingir esse domínio de si e dos elementos que nos cercam.

Lembro que o Sr. Lau era imbatível quando treinava de mãos livres com outros imigrantes chineses, e se sobrepunha com seu estilo de mãos espalmadas e totalmente relaxadas. Depois de terminado o treino, dizia ele para todos os que estavam ávidos por conhecer seu segredo, um velho ditado do estilo *Wing Chun*: “*A palma é três vezes mais eficiente que o punho*”.

Hoje, relembando esta frase, podemos criar uma analogia com a vida real. De que não adianta nos fecharmos para o meio, cerrar o punho. Devemos ser abertos e soltos como a atitude da mão espalmada, enquanto percorremos o nosso caminho. Assim não seremos derrotados.

Sim, a Arte Marcial é uma luta, mas acima de tudo é uma Filosofia de Vida.

Outra lembrança muito agradável e que me traz saudades do Peru, são os restaurantes típicos do Bairro Chinês.

Todo o fim-de-semana, nossa família e a do Sr. Lau; às vezes também com outros brasileiros e peruanos nos reuníamos para um verdadeiro banquete à moda chinesa, ou seja, muito barulho, muita fumaça no ambiente e uma profusão de cores. Mas a pitada principal certamente era a descontração e bom humor que se formavam.

Para mim, quando eu entrava naquele local, era como estar em outro mundo, um pequeno pedaço da China antiga. Logo na entrada havia um Tigre e um Dragão esculpidos em uma pedra negra, polida ao extremo, que para mim e para Tai tinham olhos verdes tão penetrantes, que às vezes era difícil encará-los. Enquanto não sássemos da entrada do restaurante, parecia que aqueles dois olhos acompanhavam sorratamente todos os nossos movimentos.

Um dia o Sr. Lau, vendo a nossa constante apreensão cada vez que víamos as estátuas, nos explicou da seguinte forma:

– Não tenham medo, seus bobocas – às vezes ele nos chamava assim, e o pior era que atendíamos. – As duas estátuas, a do Tigre e do Dragão, são muito veneradas como símbolos na China e outros países do Oriente. Cada um deles tem um significado

muito profundo, que em outra ocasião lhes explicarei, mas também tem um significado muito popular na China... São devoradores de demônios, maus espíritos, portanto são símbolos de proteção para o homem. Têm a função de afugentar os maus espíritos, por isso o mal-estar que vocês sentem quando olham fixamente para eles.

– Isso quer dizer que nós somos maus espíritos,... Demônios? – perguntei eu, já pensando que não ia mais poder fazer a comunhão, engolindo em seco.

– Não, meu caro amigo – respondeu ele dando uma estridente gargalhada – vocês não são maus espíritos. Apenas são suficientemente sensíveis, e porque não dizer também imaginativos, a ponto de captar a impressão que eles causam em alguns desses seres. Todas as duas estátuas têm uma energia diferente impregnada nelas, mas especialmente os seus olhos verdes, que são de jade, são como um espelho e reflete a verdade de qualquer um que se decida a encará-los.

Eu e Tai nos olhamos com os olhos arregalados.

– Vou lhes contar uma história muito comum no Oriente que diz que quando um homem estiver na selva e se deparar frente a frente com um Tigre, não deve emitir medo nenhum e olhar bem no fundo de seus olhos. Porém, poucos conseguem manter esse olhar por muito tempo, devido ao seu magnetismo penetrante e inquietante. Mas, se você mantiver o olhar sem receio pela natureza do animal, você reflete a sua natureza interior, a sua própria natureza íntima, que estando de acordo com as leis desta terra ele não o incomodará e cada um seguirá no seu caminho, ou seja, respeite a natureza animal do Tigre, para que ele respeite a sua natureza humana. Este é um momento em que as linhas quase se tocam, mas não se cruzam.

Resumindo, se o homem refletir a natureza animal dentro dele, como agressão, violência, maus pensamentos e atitudes ruins, estará agredindo a natureza animal que por direito é do Tigre, e certamente este o devorará. É isto o que acontece quando um mau espírito se defronta com um Tigre.

No Oriente dizemos que existe apenas uma maneira de cavalgar (adotarmos suas atitudes-virtudes) o Dragão ou o Tigre: é a de nos tornarmos nós próprios escama ou pele listrada. Sem isso seremos atirados de pernas para o ar, sem sequer termos ainda esboçado um gesto.

– Por isso, meus amigos – continuou o Sr. Lau – procurem sempre serem dignos como esses seres mitológicos, e ao mesmo tempo reais, que têm seus traços impressos em vocês (Eu e Tai éramos, na Astrologia Chinesa, respectivamente, Tigre e Dragão), e tenham a atitude mais correta possível com todos os seres que os cercam. Quem sabe algum dia vocês terão de olhar nos olhos de um Tigre ou de um Dragão de verdade – finalizou ele com uma estranha expressão de malícia em seu rosto.

Rapidamente olhamos para o Tigre de granito e ele estava nos fitando com seus olhos de jade com um brilho feroz que nunca tínhamos visto. Não pensamos duas vezes. Foi a corrida mais rápida que demos para entrar no restaurante. Depois de alguns segundos entra o Sr. Lau, para variar dando mais uma gostosa gargalhada pela palidez de nossos rostos.

– Não se preocupem – disse ele. – O Tigre não tem fome. Quem tem fome somos nós, não é mesmo? Vamos comer.

O Sr. Lau tinha razão. A fome era imensa, pensava eu, principalmente quando alguém assusta a gente até o último fio de cabelo com um Tigre de olhos de jade. Os orientais gostam de ensinar através de poemas e contos, e essa percepção me trouxe um lampejo de lembranças de uma história que o Sr. Lau mencionou certa vez sobre um Tigre, a qual reproduzo abaixo:

“Um sábio, todas as noites, jogava migalhas em

volta de sua casa. Um de seus discípulos, que sempre o observava, perguntou-lhe um dia:
– Mestre, por que é que o Senhor joga essas migalhas em volta da casa?
– É para espantar os Tigres – respondeu o sábio.
O discípulo, respeitoso, arriscou-se a responder:
– Mas, mestre, não há Tigres na região!
– Isso prova que o meu método é eficaz!”

Logo na entrada do restaurante fomos todos recebidos pelo Sr. Wong, um imigrante que veio junto com o Sr. Lau, da China, e também muito seu amigo. O Sr. Wong era um chinês de baixa estatura com um cavanhaque branco e mal aparado, aparentava uma idade avançada, porém seu corpo não era nada curvado como os que possuem sua idade. Muito pelo contrário, era firme e ágil. Sempre apresentava um largo sorriso no rosto para qualquer pessoa, seja ela desconhecida ou não.

O *hall* de entrada apresentava-se amplamente decorado com motivos chineses, o ambiente inundado com muito colorido, onde a cor predominante dos objetos era o vermelho e o dourado. Todo o interior de madeira clara era encoberto por uma tênue nebulosidade de vários incensos aromáticos queimando em uma espécie de pequena mesa parecida com um altar, o que eu admito ter visto em todas as casas do Bairro Chinês. É comum ter um pequeno altar, como respeito e para oferendas, um ponto de referência onde são dirigidas muitas energias para proteger o local, segundo a própria explicação do Sr. Lau. E, é claro, não podiam faltar eles novamente, o Tigre e o Dragão, pintados em dourado na parede atrás do balcão, só que bem menos ameaçadores do que os da entrada, e entre eles havia dois *Shien* (espadas de gume duplo para formas de *Kung Fu*) cruzados entre si e presos à parede.

Essa singularidade não era surpresa nem para Tai, nem para mim, já que seguidamente o Sr. Wong e o Sr. Lau treinavam juntos. Uma imagem que ainda guardo em minha mente muito nitidamente, onde era visível a sincronia e agilidade em todos os movimentos daquela dupla que parecia imbuída de uma força juvenil, antecipando os movimentos um do outro quase que telepaticamente, seja com mãos vazias ou com qualquer tipo de arma chinesa.

Depois de feitos os cumprimentos de praxe, o Sr. Wong chama um auxiliar para nos levar à nossa sala de refeição. Abrimos uma porta, e um longo corredor enfumaçado e estreito se estende à nossa frente com os mais variados cheiros de comida a invadirem nossas narinas. No corredor circulam vários chineses de um lado para outro com extrema rapidez, todos com roupas chinesas comuns de trabalho de cor azul escuro e aventais brancos cobrindo-os até os pés. Porém não era só isso o que havia de comum neles, e o que para eles parecia normal para mim era incomum e assombroso, tamanho o número de pratos quentes e frios que eles carregavam nas mãos sem se baterem ou derrubar qualquer um deles. Os hábeis chineses não usavam bandejas, todos os pratos eram encaixados estrategicamente não só na mão entre os dedos, mas ocupando toda a extensão do braço, formando uma verdadeira pirâmide de porcelana, comida e vapor. Não eram garçons, eram malabaristas, acrobatas como os do circo chinês de Pequim que vinha anualmente se apresentar em Lima.

Lado a lado neste estreito corredor havia portas tipo veneziana semelhantes às de *Saloons* de faroeste, que abriam nos dois sentidos, se empurradas. Conduziam para um ambiente amplo, com uma grande mesa quadrada, totalmente reservado e isolado dos outros ambientes, com capacidade para duas ou três famílias que ficavam totalmente à vontade, devido à privacidade. A única coisa que se via eram os pés e a cabeça dos

garçons, através da porta, circulando pelo corredor com suas pirâmides de pratos de um lado para o outro, como formigas que não têm tempo a perder.

O ambiente era todo iluminado com lanternas chinesas de papel manteiga colorido emitindo uma luz amarelada, quase âmbar, que dava um toque especial num recinto enfumaçado, de muitas cores e sons. No início, era trazido uma espécie de vinho doce como aperitivo em pequeníssimos copinhos de porcelana decorados com caracteres chineses, acompanhados de uma guloseima que, eu e Tai éramos impedidos de comer além de 5 destes, para não nos empanturrarmos e não cair na gozação da família de que a barriga é maior que o olho.

Não me recordo do seu nome, mas era uma espécie de bolinho cozido, que era umedecido em um molho doce, parecido com o mel, porém menos denso. Mas, para nós dois, valia a pena passar o sacrifício de comer apenas alguns deles, visto que depois desta entrada vinha um desfile dos pratos mais exóticos e variados que eu já vi, onde somente depois de, no mínimo, duas horas de diversão e gastronomia é que todos iam para casa com os 5 sentidos plenamente satisfeitos.

Saindo do restaurante, Tai e eu ainda olhávamos desconfiados e receosos para as duas imponentes figuras de granito, e penso comigo mesmo na maneira profunda com que são impregnadas as culturas do Oriente por esses seres que causam tanta admiração e respeito, desde a fundação destas civilizações.

Montarias terrestre e celeste, Tigre e Dragão, ambos são uma contraparte do outro, por isso às vezes são representados juntos e apresentam as duas características *Yin-Yang* equilibradas.

Dragão (Água, Feminino, *Yin*) simboliza as forças primordiais e demoníacas que precisam ser dominadas. Geralmente em todas as culturas ele aparece como o guardião de um tesouro ou princesa, personificando assim as dificuldades que precisam ser vencidas na busca de um objetivo elevado. Na China e no Japão, traz sorte e afasta os demônios. Muitas casas apresentam o Dragão ou um casal deles, com uma pérola, que também é um símbolo feminino ligado à mulher. A água e a lua, que por sua forma esférica de brilho sedoso, é considerado um símbolo de perfeição, e por sua dureza e imutabilidade é vista como a representação da imortalidade. O colar de pérolas simboliza a unidade resultante da diversidade.

Sua interpretação simbólica mais profunda e mais difundida é o fato da pérola estar escondida na concha e se desenvolver no fundo do mar: a luz que brilha nas trevas. Por isso o Dragão, com sua força imperial, brinca com a pérola como uma criança.

No budismo, o Tigre (Fogo, Masculino, *Yang*) que atravessa a floresta é um símbolo de esforço espiritual. Visto que consegue se orientar no escuro e na lua nova, ele simboliza a luz interior, o reaparecimento da luz e da vida depois de tempos difíceis e sombrios.

Muitos de vocês não devem saber por que os símbolos do Tigre e do Dragão eram marcados a fogo nos braços dos monges de *Shaolin*, algo que muitos de vocês viram na introdução da série de televisão “Kung Fu”, de grande sucesso e estrelada por David Carradine.

“Nas palavras de Kwan, um Monge *Shaolin*.

Cada homem possui dentro de si as sementes de tudo que existe na Natureza. O Tigre significa nós mesmos. Nosso elo com o mundo físico, com os estágios primitivos da evolução. Trazemos em nosso ser a marca do Tigre, a marca do animal que fomos em nossas vidas anteriores, onde caminhamos muito e passamos por diversas experiências de vida em planos e dimensões distintas.

Quando marcavam o Tigre e o Dragão, era um sinal para que nenhum sacerdote ascensionado se esquecesse disso. A marca do Tigre nos traz a lembrança da força, uma época em que se vivia pela força. Hoje nossas almas conquistaram mais sabedoria através das vivências sucessivas nesse planeta. Ganhamos paz em nossa alma, enxergando um pouco mais através do olho espiritual.

O Dragão é a lembrança do que temos a despertar ainda em nós. É a lembrança de que temos muito ainda para caminhar. Porém, da mesma forma como o Dragão voa nos céus, nosso ser também não mais está preso à terra ou às coisas ilusórias da vida. O Dragão é o símbolo da nossa transcendência para o espiritual. O símbolo do Dragão no outro braço nos mostra um novo caminho a seguir” (*). Um caminho que conduz os homens ao encontro de sua própria natureza interna. Os movimentos do Dragão não imitam nenhum animal que você conhece, porém, esses movimentos são o reflexo do interior de cada homem. Com o Dragão, você aprende a cavalgar o vento. Você aprende a ser você mesmo e a encontrar sua força interior.

Quando estas duas energias, estas duas forças – Tigre e Dragão – convivem harmonicamente entre força e sabedoria respectivamente, e isso só ocorre quando os aspectos bons de cada um forem ressaltados, é prova de que o discípulo já dominou suas tendências inferiores e já pode ser considerado um monge *Shaolin*, onde a força do Tigre nunca será demasiada ou em excesso, e ele terá de usar esse enorme poder para modificar a si mesmo para melhor, transformar-se em um ser humano melhor; e a sabedoria do Dragão será usada para construir, nunca para destruir. Só aí o monge *Shaolin* terá o direito de marcar a fogo em seus braços os símbolos do Tigre e do Dragão.

Todos os que habitavam o Templo de *Shaolin* tinham idéias próprias e não havia uma ordem religiosa a seguir, todos respeitavam a religião do outro, seja ela qual for. Não havia dogmas, e os monges apenas buscavam a verdade interior de cada um, onde os treinamentos rigorosos visavam despertar a capacidade criativa e auto-suficiência dos discípulos.

Há uma inscrição na parede do Templo *Shaolin* que reforça seus ensinamentos Universalistas:

“Neste templo habitam «n» monges, neste templo existem «n» religiões”, onde o «n» genérico está sempre sendo corrigido, segundo o fluxo da própria vida.

Quando vivemos nossa infância, os sentidos estão em pleno desenvolvimento, e muitas coisas são extremamente marcantes nesse período e gravadas com maior nitidez em nossa memória. Como no caso deste restaurante chinês, onde todas as imagens, sons, cores e odores estão ainda muito vivos dentro de mim. Muitas outras cenas me surgem à mente, trazendo recordações desse país, o Peru, que nos recebeu tão bem e envolto em uma aura de mistério e beleza, que é o que vou contar no próximo capítulo.

Uma consciência que se preocupa tão somente com a exterioridade nunca compreenderá o segredo que se oculta sob o alvo. “Mato” (Alvo) sempre será, e para toda a eternidade, um pedaço de papel, um receptáculo de flechas sem vida.

Kiudo (A Arte do Arqueiro Zen)

(*) **Nota do Autor:** Tai-Chi/Kung Fu Shaolin - Laércio B. Fonseca - Ed. do Autor.